

Caminhos digitais, caminhadas mediadas

Paulo Emílio de Paiva Bonillo Fernandes

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais:** linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014. 291 p.



Teoria das mídias digitais é um desses trabalhos difíceis de fazer. O conjunto de teorias e reflexões construído ao redor de um fenômeno deve ser drasticamente recortado e, ainda assim, oferecer um panorama suficientemente bem desenhado para que o leitor vislumbre um horizonte coerente, de linhas contínuas, de modo que possa distinguir trilhas que levam a diferentes coordenadas deste cenário. Projetos assim, entre cujas finalidades está mostrar “o caminho das pedras”, tem que responder à seguinte pergunta: “que pedras usar”? Luís Mauro Sá Martino resolve a questão ao procurar, na história da reflexão sobre a mídia, primeiro os conceitos mais relevantes para se pensar sobre o assunto e, depois, as implicações, ou os aspectos mais “dramáticos” – no sentido de se criarem tramas e subtramas – que resultam da articulação entre as mídias digitais e as práticas sociais.



Decisão, aliás, muito feliz, à medida que, passadas já algumas décadas de uso mais ou menos generalizado da internet e de alguns aparelhos digitais, muitos dos principais termos associados à esse universo (como ciberespaço, virtual, real, por exemplo) são motivo de confusão e mal-entendido, destino compartilhado por palavras e ideias que extrapolam ambientes específicos de reflexão e se incorporam ao linguajar cotidiano. De maneira geral, essa é a preocupação das duas primeiras partes do livro, “Conceitos básicos” e “Redes sociais”, nos quais o autor nos introduz a conceitos como cibercultura, estrutura, e funcionamento de relacionamentos em rede, etc.

Assim feito, o autor traz à discussão pesquisadores, obras e teorias que exploram as mudanças e interferências, enfim, as conjugações do cotidiano feitas em virtude da interação com as chamadas mídias digitais. Fica claro com a leitura que, se por um lado essas novas mídias são, em essência, novos espaços para que nós façamos o que sempre fizemos na história da humanidade – estabelecer vínculos, laços relacionais –, se, à primeira vista, não anunciam mais que uma potencialização do fenômeno comunicacional (entendido *lato sensu*), por outro lado implicam mudanças nos processos mesmos que conduzem à comunicação propriamente dita. Por exemplo, a capilarização da lógica de mercado por entre todas as esferas da vida cotidiana no contexto socioeconômico pós-industrial, onde hábitos e costumes, antes mais ou menos reservados a intimidade dos indivíduos, se tornam bens imateriais extremamente valiosos para a manutenção e implemento do consumo. Emergem daí outras questões, que não necessariamente estão ligadas exclusivamente ao ambiente das mídias digitais, mas têm suas possibilidades e consequências ampliadas por essas mídias: segurança, que anda de mãos dadas com a vigilância, que leva aos questionamentos sobre o que é público e o que é privado, etc. Tais assuntos, assim como as pessoas e as instituições, parecem se relacionar em rede.

Todas essas e muitas outras problemáticas contemporâneas relacionadas aos ambientes digitais suscitam diferentes olhares e avaliações – como também os meios de comunicação de massa fizeram no século XX –, alguns apocalípticos demais, outros integrados demais (para usar as famosas palavras de Umberto Eco). Longe de nós apontar o dedo e dizer “isto está bom, isto está ruim”, mas é inegável que Sá Martino tem o mérito de conseguir, com a escolha dos autores que compõe o quadro teórico, ponderar equilibradamente entre, de um lado, as imensas



possibilidades oferecidas pelas mídias digitais e, de outro, os usos reais e concretos, verificados até aqui, que se fazem delas – que, muitas vezes, estão aquém do que se poderia esperar. Isso fica particularmente claro, embora essa questão permeie o livro todo, na parte III: “Mídias digitais, espaço público e democracia”, na qual o conceito de “Esfera Pública” de Habermas é reelaborado, por diversos autores, à luz dos fenômenos ocasionados pelas mídias digitais. A possibilidade de um melhor desempenho e eficácia da Esfera Pública, que é dizer uma maior e mais qualificada participação dos cidadãos nos debates públicos, não significa que ela será de fato levada à termo.

De modo geral, os capítulos do livro passeiam por diversos extratos da organização social. Além dos pontos já citados anteriormente (a definição de conceitos e as questões políticas), somos apresentados a autores que pensam as questões referentes às relações afetivas e à natureza dos laços criados a partir da interação digital. Não ficam de fora as maneiras como as dinâmicas da indústria cultural, tão características do século XX, se reproduzem nas novas mídias e como sofrem, também, alterações. Como as propostas da Escola de Toronto podem contribuir com o entendimento das implicações cognitivas que acompanham uma imersão tão grande, como a que vivemos agora, nas tecnologias digitais e como elas se integram – ou como nós as integramos – às práticas e (re)criações culturais.

Transcrevo aqui um trecho do início do livro, quando Luís Mauro Sá Martino cita o pesquisador canadense Berry Wellman (p. 9): “quando deixam de chamar a atenção e se tornam triviais, as mídias se tornam realmente importantes. Se sua articulação com o cotidiano atinge um nível muito alto, a própria vida se transforma.” Tendo em mente que isso se aplica perfeitamente às das mídias digitais, e sabendo também que uma das características dessas mídias é uma relativa falta de critério com relação àquilo que se pode publicar (p. 264), cuja consequência lógica é a presença de informações equivocadas e opiniões descabidas – basta ver todos os “comentadores” que surgem em grandes eventos como as recentes eleições presidenciais e também as manifestações de junho de 2013, livros como este são mais do que úteis. São necessários.

Paulo Emílio de Paiva Bonillo Fernandes – Faculdade Cásper Líbero. São Paulo | SP | Brasil
Contato: pauloemiliofernandes@outlook.com